

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS
COMISSÃO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Mariana Vianna Meister

LIVRO DIDÁTICO E SEXUALIDADE:
abordagens sobre o corpo e a saúde sexual humana

Porto Alegre
Junho/2010

MARIANA VIANNA MEISTER

LIVRO DIDÁTICO E SEXUALIDADE:
abordagens sobre o corpo e a saúde sexual humana.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Ciências Biológicas – Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do grau de Licenciada em Ciências Biológicas.

Orientadora: Prof.^a Heloisa Junqueira

Porto Alegre
Junho/2010

Façamos (Vamos Amar)

*Os cidadãos no Japão fazem
Lá na China um bilhão fazem
Façamos, vamos amar*

*Os espanhóis, os lapões fazem
Lituanos e letões fazem
Façamos, vamos amar*

*Os alemães em Berlim fazem
E também lá em Bonn
Em Bombaim fazem
Os hindus acham bom*

*Nisseis, níqueis e sansseis fazem
Lá em São Francisco muitos gays fazem
Façamos, vamos amar*

*Os rouxinóis nos saraus fazem
Picantes pica-paus fazem
Façamos, vamos amar*

*Uirapurus no Pará fazem
Tico-ticos no fubá fazem
Façamos, vamos amar*

*Chinfrins, galinhas afim fazem
E jamais dizem não
Corujas sim fazem, sábias como elas são*

*Muitos perus todos nus fazem
Gaviões, pavões e urubus fazem
Façamos, vamos amar*

*Dourados no Solimões fazem
Camarões em Camarões fazem
Façamos, vamos amar*

*Piranhas só por fazer fazem
Namorados por prazer fazem
Façamos, vamos amar*

*Peixes elétricos bem fazem
Entre beijos e choques
Cações também fazem
Sem falar nos hadoques*

*Salmões no sal, em geral, fazem
Bacalhaus no mar em
Portugal fazem
Façamos, vamos amar*

*Libélulas em bambus fazem
Centopéias sem tabus fazem
Façamos, vamos amar*

*Os louva-deuses com fé fazem
Dizem que bichos de pé fazem
Façamos, vamos amar*

*As taturanas também fazem
com um ardor incomum
Grilos meu bem fazem
E sem grilo nenhum*

*Com seus ferrões os zangões fazem
Pulgas em calcinhas e calções fazem
Façamos, vamos amar*

*Tamanduás e tatus fazem
Corajosos cangurus fazem
Façamos, vamos amar*

*Coelhos só e tão só fazem
Macaquinhos no cipó fazem
Façamos, vamos amar*

*Gatinhas com seus gatões fazem
Tantos gritos de aís
Os garanhões fazem
Esses fazem demais*

*Leões ao léu, sob o céu, fazem
Ursos lambuzando-se no mel fazem
Façamos, vamos amar
Façamos, vamos amar*

(Chico Buarque)

AGRADECIMENTOS

Agradeço, antes de qualquer outra coisa, aos **meus pais, Ana e Guto**, pela vida que me deram. Não apenas no sentido deste corpo cheio de água e moléculas diversas, mas da formação das minhas concepções primeiras do que significa estar vivo e viver. Eles foram os primeiros a demonstrar e dar sentido ao amor e a união mesmo quando estamos geograficamente dispersos. Também permitiram que eu reconhecesse o valor do conhecimento como meio-fim e da visão que transcende o óbvio.

Jamais poderia deixar de agradecer às **minhas avós, Marina e Dolly**, pelo apoio e incentivo à educação escolar e acadêmica de qualidade que recebi e pela acolhida quando optei por estudar em Porto (muito) Alegre.

Ao **meu namorado Maurício**, serei sempre grata pelo carinho infindo que demonstrou nos momentos em que precisei de um ombro amigo e pela delicadeza com que me incentiva na busca pela conquista dos meus sonhos mais ousados.

E os **amigos**, esses seres improváveis que protagonizaram diversos dos meus momentos inesquecíveis, devo dizer que foram a chave para uma vida mais colorida e docemente imprevisível.

Claro, agradeço imensamente pelas ricas discussões nas aulas da faculdade; foram fonte de grande crescimento intelectual e pessoal, mudaram em absoluto minhas perspectivas. Os professores **Russel, Andreas e Heloisa**, com toda certeza merecem destaque nesse processo, cada qual de uma maneira diversa e muito particular.

Como não poderia deixar de ser, aos meus **colegas** um agradecimento especial por serem pessoas tão interessantes. A convivência foi um prato recheado com muitas reflexões.

Aos **meus alunos de estágio**, gostaria de agradecer pelo carinho e a sinceridade jovial com que me receberam, permitindo um aprendizado mútuo que nenhuma aula teórica é capaz de recriar.

Muito obrigada!

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	3
SUMÁRIO	4
RESUMO	5
1 INTRODUÇÃO	6
1.1 LIVRO DIDÁTICO: MÚLTIPLO	10
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	14
2.1 CATEGORIAS DE ANÁLISE	14
2.2 JUSTIFICATIVA DA ESCOLHA DA AMOSTRA DE LIVROS ESTUDADA	15
3 O QUE FOI OBSERVADO NOS LIVROS	17
3.1 LIVRO A: CIÊNCIAS – O CORPO HUMANO	17
3.2 LIVRO B: CIÊNCIAS – NOSSO CORPO	19
3.3 LIVRO C: CIÊNCIAS BJ	22
3.4 LIVRO D: CONSTRUINDO CONSCIÊNCIAS	23
4 ANÁLISE	26
4.1 SEXUALIDADE E SAÚDE SEXUAL	30
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	34

RESUMO

A Sexualidade humana é concebida como um dos componentes marcantes do desenvolvimento humano, presente nas mais variadas fases da vida. Saúde sexual e reprodutiva e bem-estar são essenciais para que as pessoas tenham vidas sexuais responsáveis, seguras e satisfatórias. A saúde sexual requer uma abordagem positiva da sexualidade humana, além do entendimento sobre os complexos fatores que moldam o comportamento sexual humano. Inserir no trabalho docente escolar a temática afetividade e sexualidade na adolescência implica não no controle da sexualidade, objetivando homogeneizar essa experiência, mas sim na discussão e reflexão da sexualidade como uma dimensão fundamental da vida de todos nós. O Livro Didático (LD), além de ser o principal suporte ao planejamento e ação dos docentes escolares, é uma rica fonte de pesquisas e estudos no campo da educação. Para investigar o enfoque destinado à saúde sexual no LD, realizamos uma pesquisa qualitativa, amparada no procedimento da *análise de conteúdo*. Analisamos quatro Livros Didáticos de coleções diferentes, todos destinados à 7ª série e selecionados previamente pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD/MEC). Não há um consenso, entre os livros analisados, sobre a linguagem mais adequada para apresentar o tema. Enquanto um (livro C) restringiu-se à saúde reprodutiva (anatomia, fisiologia, DSTs), outros tentaram associar distintos aspectos da saúde sexual, focando-se (livro A) na abordagem de questões relacionadas a anseios de adultos em relação à sexualidade adolescente e (livro D) no resgate de diferentes culturas relacionadas à sexualidade. Apenas um livro (B), concentrou seus esforços na identificação do adolescente com o texto, tratando de seus anseios em relação às descobertas de seu corpo e um mundo de novas sensações, inclusive o desejo e a busca pelo prazer. A diversidade sexual e a sexualidade em etapas da vida anteriores ou posteriores à fase reprodutiva são muito pouco mencionadas. A partir da leitura e releitura dos livros didáticos estudados, infere-se que para agradar a todos os autores preferem não explorar novas temáticas da saúde sexual, mantendo-a apenas como sinônimo de saúde reprodutiva. Além disto, os mecanismos de avaliação do PNLD não questionam o tratamento dado à sexualidade e à saúde sexual no LD. É imprescindível, assim, que o sistema de avaliação esteja focado nas minúcias do livro, viabilizando que a saúde sexual, um valor humano, seja tratada com positividade, significando a conjugação de pensamentos, sentimentos e interações humanas. Mesmo que permeada por conflitos, a sexualidade humana relaciona-se com o prazer, o prazer de estar junto com alguém e sendo alguém. Contraditoriamente, este prazer não parece ser permitido a todos ou está sujeito a diversas normas que estabelecem um padrão cujo imperativo é segui-lo. Permitir e estimular que a interação sexual seja exercida com liberdade e de modo consciente poderá contribuir significativamente na construção de uma sociedade sexualmente sadia, sem a sombra opressiva da culpa que ofusca o brilho da alegria em estar com o outro.

Palavras-chave: Sexualidade. Saúde sexual. Livro didático. PNLD. Ciências.

1 INTRODUÇÃO E OBJETO DE ESTUDO

Durante a graduação, a oportunidade de conviver com alunos durante o período de estágio de docência é sempre uma experiência reveladora para o graduando. Pela primeira vez, diante de um grupo de alunos, o graduando tem a oportunidade de vivenciar os diversos significados da relação docente-discente. Essa vivência pode oportunizar ao graduando a percepção de reais e complexos anseios dos alunos escolares e, entre estes, muitos relacionados às mudanças do corpo e uma nova sexualidade descoberta. A tais questões todo professor deve estar atento, uma vez que, como diz Suplicy (1998):

Na adolescência vivem-se incertezas e dúvidas próprias de quem está no meio de uma passagem. Tal situação provoca medo do desconhecido e nostalgia do que não voltará. Assim, é compreensível que os alunos busquem referências externas em adultos de sua confiança, que já fizeram essa passagem. O professor, nesse momento, é um desses escolhidos. (SUPLICY, 1998)

A maioria dos professores de Ciências/Biologia ainda permanece conduzindo suas atividades docentes amparados, apenas, nos Livros Didáticos, insistindo na memorização de informações isoladas, acreditando na importância dos conteúdos tradicionalmente explorados e na exposição como método principal de ensino. Já se sabe que os conhecimentos de Ciências/Biologia têm impactos sobre as visões de mundo existentes, que interagem com interpretações religiosas, com tipos de comportamentos e hábitos humanos historicamente contextualizados (e.g.: o que comer, como deve ser a higiene pessoal).

Nos ensinamentos escolares sobre o corpo humano, ainda se constata o predomínio da concepção cartesiana de ciência, com ênfase nos pressupostos biologicistas que definem o corpo como uma máquina perfeita. Com base em pesquisas e estudos desenvolvidos a partir de 1960, é possível afirmar que o corpo que temos perpassa o biológico e também o cultural. E é nas relações constitutivas entre a nossa herança biológica/genética e a nossa herança cultural, que construímos as representações sobre os nossos corpos.

Perguntamos, então: e na escola, como se ensina/aprende acerca do corpo humano? Levando em conta a recorrente distinção entre organismo e corpo, considerando o primeiro apenas como o que há de biológico – o corpo na mesa de dissecação – e o segundo como aquele que envolve as dimensões atribuídas à cultura – estética e sexualidade, entre outros – pode-se dizer que a maioria das escolas, referenciadas nos Livros Didáticos (LD) difundidos

através do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), foca seus ensinamentos no organismo biológico como se fosse o próprio mundo vivo. Tal abordagem é fundada na concepção de ciência como verdade absoluta, neutra e ahistórica, excluindo outras visões sobre o corpo (SANTOS, 1997).

Ainda observamos certo desconforto em falar de assuntos relacionados ao corpo e à sexualidade. É comum encontrar professores/as que ainda consideram que o tema *sexualidade* só pode ser abordado por alguém mais gabaritado ou especializado neste assunto. No ambiente escolar, frequentemente, acabam por atribuir essa responsabilidade ao/à médico/a, psicólogo/a, enfermeiro/a ou professor/a de Ciências/Biologia por acreditarem que estes dominam mais os conhecimentos acerca do corpo. Por sua vez, nos ensinamentos específicos sobre o funcionamento do corpo humano, esses profissionais referenciam-se muitas vezes em explicações científicas que se firmam nos princípios da ahistoricidade e neutralidade quando prescrevem um autocuidado, em especial sobre à gravidez indesejada e a DST/AIDS (RIBEIRO, 2004).

A partir da década de 1960, o debate sobre as identidades, as práticas sexuais e as relações entre os gêneros passou a ser mais intenso e ampliado, ensejando uma época caracterizada como sendo recheada de transformações nas formas de regulação da sexualidade. A descoberta da AIDS levou à retomada da prevenção às doenças sexualmente transmissíveis. A identificação e a proliferação exponencial da doença (que já não é considerada restrita a grupos de risco) têm levado a um esforço preventivo liderado por políticas públicas educativas e de saúde coletiva. Desta forma, as escolas vêm-se obrigadas a abandonar o silêncio e o segredo. Ainda assim, há o medo. A sexualidade, como abordada pela instituição escolar, é sitiada pela doença, a violência e a morte. Professores, professoras, pais e mães demonstram evidente dificuldade em associar a sexualidade ao prazer e à vida. Na pauta para as aulas de educação sexual se encontram os possíveis riscos, danos e perigos da sexualidade. As discussões sobre afetos, desejos, rituais e fantasias são deixadas de lado e a sexualidade recebe um enfoque informativo, “neutro”, de cunho científico-biologicista. As dificuldades dos adultos em lidar com a própria sexualidade acabam produzindo uma muralha de constrangimento e omissão. (LOURO, 1998)

A sexualidade envolve uma série de crenças, comportamentos, relações e identidades socialmente construídas e historicamente modeladas que permitem aos homens e às mulheres viver, de determinados modos, seus desejos e seus prazeres corporais. Nesse sentido,

O termo “orientação sexual” é utilizado para contemplar a diversidade de possibilidades de viver a sexualidade, pois significa a orientação que cada sujeito dá ao exercício da sua sexualidade. Em outras palavras: “a direção ou a inclinação do direito afetivo ou erótico” (BRASIL, 2007) e que, não necessariamente está dirigido para a heterossexualidade. A sexualidade também é plural, o que implica afirmar a inexistência de um único modo correto, estável, desejável e sadio de vivenciá-la. (GOELLNER, 2009, p.169)

A *Orientação Sexual* é considerada um Tema Transversal pelos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental (PCNs), publicados pelo Ministério da Educação (MEC) em 1998. Por representarem importantes questões sócioeducativas, os Temas Transversais têm natureza diferente dos chamados conteúdos convencionais. Sua complexidade faz com que nenhuma das áreas, isoladamente, seja suficiente para explicá-los; ao contrário, a problemática dos temas transversais atravessa os diferentes campos do conhecimento. Dessa forma, o estudo do corpo humano não se restringe à dimensão biológica, mas coloca esse conhecimento a serviço da compreensão da diferença de gênero (conteúdo de Orientação Sexual) e do respeito à diferença, conteúdo de outro Tema Transversal – o de Ética (BRASIL, 1998). Entre outros norteadores da Orientação Sexual, o texto dos PCNs afirma:

É importante que os educadores reconheçam como legítimas e lícitas, por parte das crianças e dos jovens, a busca do prazer e as curiosidades manifestas acerca da sexualidade, uma vez que fazem parte de seu processo de desenvolvimento. [...] A finalidade do trabalho de Orientação Sexual é contribuir para que os alunos possam desenvolver e exercer sua sexualidade com prazer e responsabilidade. [...] Falar sobre o corpo, com seu potencial para usufruir o prazer e suas potencialidades reprodutivas, implica também a discussão das expectativas, das ansiedades, medos e fantasias, relacionados à relação sexual, à “primeira vez”, ao desempenho e às dificuldades que podem surgir como manifestações associadas à impotência, frigidez, ejaculação precoce e outras possíveis disfunções. (BRASIL, 1998, p.18, 27, 36)

Os PCNs permanecem uma referência quanto às temáticas de gênero e sexualidade, sendo o primeiro documento do MEC a associar a sexualidade ao prazer. A noção de “orientação sexual” nele empregada, a tematização de doenças sexualmente transmissíveis, AIDS e gravidez adolescente e o discurso em torno da responsabilização dos sujeitos não ensejaram o alargamento e o aprofundamento do debate em termos mais críticos, plurais e inovadores (LOURO, 2004).

Sendo assim, é possível falar de sexualidade sem restringir à reprodução ou à prevenção de DST, AIDS e gravidez? Nesse sentido, o que é proposto como ponto central para aprendizagem? O que é enfatizado? O que é deixado de lado? Há a preocupação com a

promoção da *saúde sexual*¹ ou com a *sanitarização da sexualidade*²? Que importância esses conhecimentos terão na vida do aluno, na formação de sua cidadania, em sua capacidade de explicar o mundo e agir sobre ele? Será que este aluno tem interesse no que lhe está sendo proposto como conteúdo a ser aprendido?

Angotti (2001) enfatiza que,

[...] há uma preocupação com a seqüência, mas não com a relevância do conteúdo que vamos ensinar. Consideramos que a relevância está previamente estabelecida pelo próprio conteúdo que se ensina. A presença da ciência e da tecnologia no mundo contemporâneo parece, por si só, justificar a necessidade de seu ensino, ainda que os conteúdos escolares não tratem de seu papel atual. Geralmente segue-se o que está proposto no livro didático e/ou nas propostas curriculares. Não se pára muito para pensar no porque da seqüência e dos tópicos escolhidos pelos livros ou pelos guias curriculares nem se avalia a relevância desses tópicos ou a possibilidade de sua aprendizagem pelo aluno. (ANGOTTI et al, 2002, p. 124)

Indagamos, então, qual a relevância da saúde sexual como temática educacional? Nos seres humanos, segundo Abdo (2001), a atividade sexual ultrapassa de longe as raízes biológicas de seus ciclos de procriação, pois é ampla e difusa, transitando principalmente em direção ao prazer e à satisfação do desejo, sem as inibições e travas neuro-hormonais observadas mais claramente em outras espécies. O desconforto em falar sobre as diversas faces da sexualidade parece promover nas escolas um acordo tácito de silêncio, dissimulação e negação a respeito da sexualidade, refletindo no que se refere à saúde sexual. A aparente harmonia é tão frágil que pode ser rompida por situações banais e cotidianas, por uma pergunta incômoda, por indivíduos e práticas que desafiam as regras aceitas como padrão às condutas dos humanos. Quando se permite entrar nesse assunto, a escola fala da sexualidade como uma dimensão da vida adulta, e mesmo os adultos estão condicionados a uma estreita articulação com a família, sua reprodução e manutenção. Louro (1998) menciona que:

O casamento constitui uma moldura social adequada para seu exercício e os filhos a consequência/bênção desse fato. Dentro desse quadro, as práticas sexuais não reprodutivas ou não são consideradas, deixando de ser observadas, ou estão cercadas de receios e medos. A associação da sexualidade ao prazer e ao desejo é deslocada em favor da prevenção dos perigos e da doença. Nesse

¹ Considerando a necessidade de definir o termo *saúde sexual* para objetivar o trabalho e compreensão do leitor, optamos pela definição proposta pela Organização Mundial da Saúde (1975): “Saúde sexual é a integração dos aspectos somático, emocional, intelectual e social do ser sexual, de maneira que enriqueçam positivamente e realcem a personalidade, a comunicação e o amor.” [tradução nossa] (WHO, 1975), considerando reformulações deste conceito.

² O termo *sanitarização da sexualidade* aqui se refere às abordagens focadas na higiene do organismo e combate às doenças e “desvios” relacionados de alguma forma às interações sexuais.

contexto que centraliza a reprodução, os/as homossexuais ficam fora da discussão. Não se contempla a possibilidade de uniões afetivas e sexuais entre indivíduos do mesmo sexo e, muito menos, a existência de famílias constituídas por gays ou lésbicas. A homossexualidade é virtualmente negada, mas é, ao mesmo tempo, profundamente vigiada. (LOURO, 1998, p.41)

Uma vez que subjetividades, identidades, corpos, sexualidades e padrões culturais não constituem realidades imutáveis, e sim construções dinâmicas e contextualizadas, há espaço para o questionamento e a reconsideração permanente sobre as concepções e crenças dos sujeitos e sociedade sobre si mesmos. Reside aí uma das responsabilidades específicas de quem povoa e anima o universo da educação, forma e informa, produz conhecimentos e influencia mentes e corações (JUNQUEIRA, 2009). A sexualidade é dinâmica e é vida. O ser humano é sexuado, não assexuado, e o sexo é fundante e fundamentalmente importante. O que vemos é que se faz sexo, mas não se fala de sexo. Se também não nos permitirmos falar das diversas faces da sexualidade, torna-se difícil educar/orientar no sentido da saúde sexual.

Tendo em vista que: (1) a saúde sexual envolve os conhecimentos sobre o corpo biológico e a compreensão do corpo cultural; (2) o livro didático é comumente utilizado como a fonte seletora-delimitadora dos assuntos que devem ser abordados na prática pedagógica da sala de aula; e (3) ainda, o livro didático é o instrumento mais utilizado por professores das séries finais do Ensino Fundamental; a abordagem adotada pelos livros didáticos ao tratar de temas referentes à saúde sexual humana tornou-se o foco de análise deste trabalho, buscando investigar de que modo o prazer advindo da interação sexual humana é relacionado à educação para a sexualidade³.

1.1 LIVRO DIDÁTICO: MÚLTIPLO

O Livro Didático (LD) é um objeto complexo, dotado de múltiplas funções, a maioria totalmente despercebida aos olhos contemporâneos. Portador de um conteúdo educativo, o LD tem o papel de transmitir às jovens gerações os saberes e as habilidades que em uma dada área e a um dado momento são julgados indispensáveis à sociedade para perpetuar-se. De maneira mais ou menos sutil, o LD veicula um sistema de valores morais, religiosos e políticos, participando estreitamente do processo de socialização e aculturação da juventude (CHOPPIN, 2002).

³ O termo *educação para a sexualidade*, e sua construção, é discutido de maneira acessível por Constantina Xavier Filha, no primeiro capítulo do livro “Educação para a Sexualidade, para a Equidade de Gênero e para a Diversidade Sexual”, da editora UFMS.

Enquanto objeto fabricado, difundido e “consumido”, o LD está sujeito às limitações técnicas de sua época e participa de um sistema econômico cujas regras e usos, tanto no nível da produção como do consumo, influem necessariamente na sua concepção quanto na sua realização material (CHOPPIN, 2002). É preciso ressaltar que assistimos a uma época de grande expansão quantitativa do LD, com o aumento da oferta da Educação Básica produzindo uma demanda crescente por livros escolares, que multiplicaram várias vezes suas cifras de produção e distribuição (TIANA FERRER, 1998). Como produto do mercado editorial, o contexto de produção é relevante para a análise do LD.

Chartier (1990, *apud* GASPARELLO, 1999), nos estudos da *Bibliothèque bleue* (literatura de cordel) e no exame de textos de diversos livros de aprendizagem, identifica estratégias utilizadas pelos editores, que “investem implicitamente na idéia que têm das competências culturais do público” (p.174). São marcas dos editores, as estratégias de redução e simplificação nos textos. Gasparello, ao mencionar Chartier, sinaliza a dificuldade da análise do livro didático no seu contexto de produção:

As estratégias utilizadas na literatura de cordel sugerem as que foram articuladas em relação ao livro escolar: uma “fórmula editorial” para textos com uma “legitimidade característica”, “simplificada” e de “leitura fácil”. Uma prática da escrita que é construída a partir das representações sobre o público alvo, uma prática que conforma e intui um campo específico. Mas como analisar esta fabricação dos textos escolares? Como não fazer uma análise reducionista e discriminadora? (GASPARELLO, 1999, p.176)

Observamos que o LD é frequentemente omitido nos trabalhos bibliográficos. Além de ser difícil de analisá-lo sem a respectiva *norma do uso prático*⁴, é demasiado repetitivo para ser interessante logo de saída, por demais impregnado das coisas do seu tempo, podendo tornar-se uma cilada para o desprezo ou nostalgia. O livro escolar é sem dúvida um objeto rico e extremamente complexo. Nele se encontram embutidas limitações institucionais (os manuais têm de se ajustar aos programas), pragmáticas (deve ser de utilização cômoda na classe, durante um ou vários anos letivos) e também imperativos comerciais (CHARTIER & HÉBRAND, 1995, *apud* GALVÃO & BATISTA, 2003).

A mensagem veiculada pelo LD reflete o grau de liberdade desfrutado pelos autores, que, no Brasil, recebe direcionamentos também a partir dos textos do PNLD e dos PCNs. Tais textos e políticas dão especial atenção a este dispositivo cultural e são justificados pela forte vinculação do LD ao currículo, já bastante salientada na literatura e estudos empíricos que lhe

⁴ A *norma do uso prático*, neste estudo, refere-se ao livro ou manual do professor, veiculado sob as mesmas normativas impressas no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD).

dão suporte. A análise de dispositivos culturais, como os livros didáticos, precisa dar conta não só “dos conteúdos” definidos como necessários às aprendizagens dos escolares, mas também dos lugares em que colocam os sujeitos com os quais dialogam (MACEDO, 2004). No caso dos livros didáticos de ciências, Macedo (2004) defende que isso implica perceber que a ciência se apresenta como universal ao explicitar a mobilidade de seu corpo de conhecimentos, mas também ao determinar o lugar de onde o aluno deve conceber o processo de produção do conhecimento.

Sobre a análise do LD como produto cultural, Galvão & Batista (2003) questionam:

Mesmo [...] baseando-se em pressupostos de estudos realizados pelos pesquisadores da história cultural, o livro [didático] revela-se um objeto de difícil análise. Como apreendê-lo? Como compreender seu papel? Como analisar seus protocolos e sua materialidade sem tomar essas dimensões em si mesmas? Como analisar as lições sem cair na tentação de fazer uma análise meramente de conteúdo e dali extrair o que supostamente poderia ser a “mentalidade” ou uma forma de controle utilizada por instâncias superiores (frequentemente abstratas e que pouco auxiliam a dar inteligibilidade aos dados – como o Estado, a Nação, a Política) da época? Como apreender o leitor, os usos, as práticas? (GALVÃO & BATISTA, 2003, 179)

Ao analisar o LD, não se pode ignorar a evidência de que qualquer livro, mesmo aqueles tidos como melhor elaborados, não constitui mais que um substituto da realidade cotidiana, que é a que temos a obrigação de ofertar ao educando. Além disso, nessa transposição da realidade ao texto, o autor ou autores produzem uma representação desta realidade, aceitando alguns de seus aspectos e rechaçando outros e, conseqüentemente, abandonando a neutralidade. Ainda que a decisão tomada seja honesta, não se pode evitar a introdução de inclinações ideológicas (TIANA FERRER, 1998).

O LD, nas suas mais diversas versões, é um produto de sua época, normalmente uma “mercadoria perecível” que perde todo seu valor de mercado quando uma mudança nos métodos ou nos programas fixam sua prescrição ou, ainda, quando fatos atuais impõem-lhes modificações (*e.g.* queda do muro de Berlim) (CHOPPIN, 2002). Por sua labilidade, o LD é um objeto pouco valorizado:

[...] considerado efêmero e pouco digno de catalogação e guarda, raramente ocupa as prateleiras dos acervos públicos. Como afirma Batista (1999): Trata-se de um livro efêmero, que se desatualiza com muita velocidade. [...] Não são poucos, portanto, os indicadores do desprestígio social dos livros didáticos. Livro “menor” dentre os “maiores”, de “autores” e não de “escritores”, objeto de interesse de “coleccionadores” e não de [...] “bibliófilos”, manipulado por “usuários” e não por leitores”. (GALVÃO & BATISTA, 2003, p.530)

Se por um lado os livros escolares são típicos do mercado editorial, comparativamente pouco onerosos e com considerável volume de tiragens, por outro são descartados com a mesma velocidade. Ainda que em meio a essa intensa rotatividade, tais livros são revelados como complexos produtos culturais e ricos objetos e fontes de análise, com grande potencial para o desvelo de questões complexas inerentes à sociedade atual e pregressa. Nesse sentido, para compreender o LD, são necessários estudos de caráter panorâmico que subsidiem a realização de estudos específicos, e também estudos monográficos que permitam a verticalização e o aprofundamento de certas questões pouco visíveis através de estudos horizontais (GALVÃO & BATISTA, 2003).

Em consonância com a história cultural, o LD é carregado de significados e sentidos cambiáveis. Levando em conta que:

A história cultural tem se afirmado como o estudo das formas de representação em diferentes grupos humanos e de natureza variada, seja nacional ou regional, social ou política. Assim, seu interesse volta-se para o modo como os grupos humanos representam-se a si mesmos e como representam, de diferentes formas, o mundo em que vivem: um modo que pode ser sublimado, codificado, pensado, explicado, controlado, dotado de um sentido e também legado, ou seja, transmitido pelo meio e pela educação. (IGGERS, 1995; *apud* GASPARELLO, 1999, p.170)

Neste trabalho de conclusão de curso, o LD é o objeto-fonte básico da pesquisa qualitativa aqui apresentada. Ainda que a análise das mensagens portadas pelo LD sobre a temática escolhida esteja sujeita às dificuldades inerentes ao contexto de investigação com e sobre os livros didáticos, apostamos que as análises dos seus conteúdos e formas são geradoras de preciosos conhecimentos sobre o que se ensina nas escolas.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste estudo, buscamos no procedimento metodológico denominado *análise de conteúdo* (BARDIN, 1977; *apud* FRANCO, 2007) o caminho para a criação de categorias de análise que permitissem identificar os possíveis efeitos do LD enquanto elemento que interfere na construção e legitimação de conceitos, valores e atitudes através da educação escolar.

O ponto de vista da *análise de conteúdo* é a mensagem, neste caso, a mensagem escrita. Aqui, há a preocupação em inferir os efeitos que determinada mensagem causa ou pode causar, o que direciona a análise do ponto de vista do receptor da mensagem. “Se a *descrição* é a primeira etapa necessária e se a *interpretação* é a última fase, a inferência é o procedimento intermediário que vai permitir a passagem explícita e controlada, da descrição à interpretação” (FRANCO, 2007). A formação de categorias é o ponto crucial da análise de conteúdo.

2.1 CATEGORIAS DE ANÁLISE

As categorias utilizadas para a análise dos livros didáticos estão relacionadas no **Quadro 1** e são produto de um processo de leituras diversas, com influências de parâmetros analisados no PNLD 2007/2008, leitura flutuante⁵ do material que seria analisado e problematizações relacionadas ao tema deste estudo. Cabe ressaltar que parte dos questionamentos aqui relacionados teve como berço a vivência no Estágio de Docência em Ciências, onde o sistema reprodutor e a sexualidade foram os conteúdos ensinados.

Categorias de Análise	Indicadores
Sexualidade, relação sexual	1. A sexualidade é retratada como dimensão das interações humanas, não restrita a ato sexual, penetração e coito?

⁵ A *leitura flutuante* é uma analogia de Bardin, que relaciona a leitura de pré-análise à atitude do psicanalista: “Pouco a pouco, a leitura vai se tornando mais precisa, em função das hipóteses emergentes, da projeção de teorias adaptadas sobre o material e da possível aplicação de técnicas utilizadas com materiais análogos” (BARDIN, 1977; *apud* FRANCO, 2007).

e prazer	2. A sexualidade humana e a relação sexual são tratadas como interações não restritas aos fins de reprodução e constituição de famílias tradicionais ⁶ ?
	3. São relacionadas outras formas de vivenciar a sexualidade que não o ato sexual (<i>e.g.</i> : masturbação, “ficar”)?
	4. O desejo, o afeto e o amor são relacionados como partes da vivência da sexualidade?
	5. A sexualidade é mencionada como fonte de prazer e não apenas fonte de inseguranças e medos?
	6. O prazer é colocado como algo natural e não condenado <i>a priori</i> por valores morais?
	7. A relação sexual é retratada como fruto do desejo e possível fonte de prazer?
	8. A relação sexual e a busca pelo prazer através da sexualidade são retratadas como dimensões não restritas à vida de adultos férteis?
	Expressões da Sexualidade
10. A expressão da sexualidade é de alguma forma relacionada ao respeito aos direitos humanos?	
11. São mencionadas e problematizadas formas não heteronormativas de vivenciar a sexualidade (homossexuais, travestis, transexuais)?	
12. Há o espaço e a discussão sobre a diversidade sexual e de gênero?	
Corpo Biológico e Cultural	13. As doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) são relacionadas à sexualidade como questão importante, mas não impedidora desta?
	14. São problematizados os significados sociais das DSTs (<i>e.g.</i> : questões sociais e preconceitos sofridos por pessoas portadoras do HIV)?
	15. São estimuladas concepções de responsabilidade, intimidade desejo e respeito entre os parceiros?
	16. Há espaço para a discussão de dúvidas relacionadas ao corpo e a sexualidade?
	17. A gravidez indesejada é problematizada dentro da perspectiva de planejamento familiar e não apenas como um fruto da imaturidade e irresponsabilidade do adolescente?

Quadro 1. Categorias de análise e indicadores

⁶ *Famílias tradicionais*: refere-se à representação clássica e heteronormativa de família: um casal constituído por uma esposa, mulher-cuidadora, seu marido, homem-provedor, e seus filhos legítimos, frutos do casamento.

2.2 JUSTIFICATIVA DA ESCOLHA DOS LIVROS DA AMOSTRA

A amostra de livros é constituída de exemplares que contemplam a temática do Corpo Humano, onde geralmente se concentram os assuntos relacionados à sexualidade e reprodução humana. Todos os livros selecionados são destinados à 7ª série do Ensino Fundamental. Trata-se de uma amostra já previamente selecionada pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD/MEC), edição 2007/2008. Os livros selecionados pelo PNLD são distribuídos gratuitamente pelo MEC às escolas públicas brasileiras, inclusive o Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CAp/UFRGS), onde foram recolhidos os exemplares analisados neste estudo.

Segundo dados disponibilizados *on-line*⁷ pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE/MEC), entre 2008 e 2010 a Secretaria Estadual de Educação do Rio Grande do Sul (SEC/RS) encomendou livros de Ciências – 7ª série de duas coleções: *Ciências*, de Carlos Barros & Wilson Paulino, e *Projeto Araribá – Ciências*, da Editora Moderna. O livro da coleção *Ciências* faz parte da amostra deste estudo, mas *Projeto Araribá – Ciências* não foi encontrado disponível para análise.

Um único livro compreende um universo amostral muito restrito e reduz as possibilidades de investigação pela análise de conteúdo, então outros três livros foram incorporados à amostra, também recolhidos no CAp/UFRGS e integrantes do PNLD 2007/2008. Os quatro livros estão relacionados no **Quadro 2**.

Livro	Nome do Livro	Autor(es)	Edição/ ano	Editora	Código
A	CIÊNCIAS: o corpo humano	Carlos Barros & Wilson Paulino	3ª/2008	Ática	00023C0407L
B	CIÊNCIAS: Nosso corpo	Fernando Gewandsznajder	3ª/2007	Ática	00025COL04
C	CIÊNCIAS BJ, Vol. 3	Nélio Bizzo & Marcelo Jordão	1ª/2006	do Brasil	00042COL04
D	CONSTRUINDO CONSCIÊNCIAS	Selma A. M. Braga; Maria E. C. C. Lima; Ruth S. de Castro; Mairy B. L. dos Santos; Orlando Aguiar Jr.; Carmem M. de Caro; Nilma S. da Silva; Helder de Figueiredo.	1ª/ 2007	Scipione	00098COL04

Quadro 2. Livros componentes da amostra

⁷ Disponível em: http://www.fnde.gov.br/pls/simad_fnde/!simad_fnde.sisadweb_1_pc; acesso em 10/06/2010.

3 O QUE FOI OBSERVADO NOS LIVROS

3.1 LIVRO A: CIÊNCIAS – O CORPO HUMANO

O livro A é um dos poucos livros didáticos em que a sexualidade e reprodução humana são tratadas na primeira metade do livro. A *Unidade II – A reprodução* traz *Capítulo 5 – O sistema genital*, *Capítulo 6 – Como nascemos*, *Capítulo 7 – Corpo, mente e “coração”*: *os cuidados na adolescência* e *Capítulo 8 – A vida continua*.

No capítulo 5, observamos no texto que a dificuldade em falar de temas relacionados à sexualidade situa-se na realidade vivida nas gerações passadas, levando à compreensão de que as novas gerações não sentem medo ou vergonha de manifestar as suas dúvidas e emoções. Os autores, assim, parecem propor um diálogo mais *natural* com o leitor sobre o tema sexo. A pergunta *Para que serve o sexo?* é assim respondida:

Para os seres humanos, geralmente a reprodução é apenas *uma* das funções da atividade sexual. A relação sexual é também uma maneira de obter prazer e alegria, de dar e de receber carinho, afeto. É uma das expressões mais íntimas que pode haver no relacionamento entre duas pessoas, pois envolve emoções profundas. Não é à toa que a relação sexual também é chamada de “fazer amor” (p.43)

Com a excitação sexual ocorre a ereção e a ejaculação é descrita como resultado do aumento contínuo de estímulos, como ocorre na relação sexual, que culmina com o esperma sendo lançado para fora do corpo masculino.

O capítulo centra-se na descrição anatômica dos sistemas genitais e apenas na última linha da descrição da anatomia feminina lê-se algo sobre suas sensações:

O clitóris é um órgão externo e pequeno, que possui tecido erétil. É um órgão que proporciona prazer sexual à mulher. (p.48)

No capítulo 6, constatamos que o *Como nascemos* tem significado literal no tratamento das questões relacionadas à gravidez e, no capítulo 7, a primeira página apresenta um gráfico com estatísticas relacionadas à gravidez na adolescência.

Depois de uma série de informações, que parecem pretender acalmar as angústias dos adolescentes advindas das mudanças dos e nos seus corpos, a mente do jovem recebe atenção. Em especial, o conflito entre não ser criança (e, portanto, precisar assumir algumas responsabilidades) e ainda não pertencer ao mundo adulto.

O adolescente não quer ser mimado; no entanto, ainda precisa de proteção e orientação. (...) na fase da adolescência, geralmente acontecem os primeiros namoros; aparecem os desejos sexuais; as emoções são vividas com muita intensidade. (...) É aí, na sexualidade, que reside uma das maiores preocupações dos pais, pois uma “transa” pode levar à gravidez precoce e ao contágio de doenças sexualmente transmissíveis. (p.63)

Embora adotando uma linguagem que muitas vezes coloca o adolescente como sendo uma terceira pessoa, o que dificulta sua identificação no texto como leitor, os conteúdos impressos chamam a atenção para a grande responsabilidade de criar, educar e sustentar uma criança, e também que:

O casal deve conversar claramente sobre como evitar a gravidez. (...) é a mulher quem fica grávida, mas ela não engravida sozinha. A responsabilidade é do casal. (p.63)

Além da importância da decisão de utilizar um método contraceptivo apropriado para o casal, o texto recomenda que a mulher consulte um ginecologista antes de começar um relacionamento sexual. E ainda que, *SE* o parceiro puder ir junto à consulta melhor, pois o médico dará a orientação necessária sobre os métodos apropriados ao casal. Mas, e se o parceiro não quiser ou não puder acompanhar? Aparentemente, a participação do parceiro é opcional e a mulher, sim, deve ter o comprometimento em garantir que não ocorrerá uma gravidez.

Após a explanação de alguns métodos contraceptivos, o capítulo segue com a descrição de algumas Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs), enfatizando que a culminância do adoecimento não é algum tipo de câncer ou morte, apenas, em uma das cinco citadas. Ainda sobre morte e vida, na caixa de texto *Para ir mais longe* (p.69), o polêmico debate sobre o aborto e sua legalização é resgatado, colocando as questões do direito à vida, direito à escolha da mulher, os riscos do aborto clandestino e a necessidade de maior acesso a informações que permitam reduzir a quantidade de gravidezes indesejadas, através da conscientização.

Em *Desafios do presente – Aids no Brasil: 20 anos depois* (p.70) os conteúdos tratam dos avanços conquistados pelas Políticas de Saúde Pública brasileiras no combate à epidemia da Aids.

Embora as afirmações iniciais dos capítulos sobre a reprodução humana parecessem carregar a preocupação com a interpretação positiva da sexualidade, permeada por emoções e sentimentos, no decorrer do texto isto não se refletiu, parecendo mais um compilado de motivos pelos quais devemos estar preocupados com a relação sexual e seus efeitos daninhos aos corpos e mentes dos adolescentes.

3.2 LIVRO B: CIÊNCIAS – NOSSO CORPO

No livro B, a *Unidade IV – Sexo e Reprodução* é a última unidade do livro e divide-se em cinco capítulos: *Capítulo 16 – O sistema genital ou reprodutor*, *Capítulo 17 – Evitando a gravidez*, *Capítulo 18 – Mudando o corpo: a puberdade*, *Capítulo 19 – Doenças sexualmente transmissíveis* e *Capítulo 20 – As bases da hereditariedade*. Já em sua introdução traz que:

Relações sexuais e reprodução envolvem também emoções, sentimentos e comportamentos que são influenciados pela cultura. E cada pessoa tem sua personalidade, sua maneira de pensar e agir, seus valores éticos e espirituais, seus projetos de vida. Mas as relações sexuais e a reprodução humana têm muitas outras conseqüências: desde uma gravidez não planejada até o risco de adquirir doenças sexualmente transmissíveis – inclusive a Aids. (p.189)

O primeiro texto do capítulo 16 é a letra da música *Cor de rosa - choque*⁸, de Rita Lee e Roberto de Carvalho. Ao lado, a foto de uma manifestação pelos direitos da mulher (p.190). Em seguida, há um salto para as diferenças anatômicas entre o corpo masculino e o corpo feminino. Apenas na última questão da atividade em grupo, proposta no final do capítulo (p.206), a temática sobre os direitos sociais e sexuais é resgatada, convidando os alunos a discutirem sobre a igualdade de direitos e deveres de homens e mulheres. Ainda sobre homens e mulheres, ao tratar da anatomia, a excitação sexual e o orgasmo são mencionados como possibilidades para ambos:

O pênis possui tecidos que se enchem de sangue quando o homem fica sexualmente excitado. (...) Com o aumento da excitação, pode ocorrer a ejaculação (...). a ejaculação é acompanhada de uma sensação de prazer, o **orgasmo**. (p.192)

Os pequenos lábios se unem na parte de cima e formam um pequeno órgão com muitas terminações nervosas, o **clitóris**, que é bastante sensível ao toque. Assim como no pênis, o clitóris possui tecidos que se enchem de sangue durante a excitação sexual, contribuindo para o prazer sexual e para que a mulher chegue no orgasmo. (p.194)

Após uma introdução sobre a anatomia sexual de homens e mulheres, o livro reserva dois espaços (caixas de texto) para tratar de algumas questões particulares da relação do homem e da mulher com sua própria sexualidade. Em ambos os casos, é ressaltada a importância de consulta médica (urologia e ginecologia) ao se constatar qualquer tipo de alteração nos órgãos dos sistemas reprodutor e urinário.

⁸ *Cor de rosa - choque* diz: “Nas duas faces de Eva, a bela e a fera, um certo sorriso de quem nada quer. Sexo frágil, não foge à luta. E nem só de cama vive a mulher, por isso não provoque, é cor de rosa - choque. Mulher é bicho esquisito, todo mês sangra, um sexto sentido maior que a razão. Gata borralheira, você é princesa. Dondoca é uma espécie em extinção, por isso não provoque, é cor de rosa - choque.” (Rita Lee e Roberto de Carvalho, 1982)

De maneira muito breve, a caixa de texto *Ciência e saúde – Hermafroditismo* (p.194) traz a questão da genitália ambígua, ainda que de forma pouco aprofundada e sem problematizações, gerando assim distorções conceituais nos aprendentes.

Seguindo a leitura do livro em foco, observamos que os autores, ao comentarem sobre a menopausa, voltam a mencionar o prazer sexual ao acrescentar que:

(...) a partir daí a mulher não pode mais ter filhos – sem tratamento especial. Mas a atividade sexual e o prazer da relação não são alterados. (p.197)

Também constatamos que, na caixa de texto denominada *Ciência e Tecnologia – Tratamentos para a infertilidade*, as causas e tratamentos para infertilidade masculina e feminina receberam alguma atenção.

Ao dissertar sobre o uso do preservativo masculino, o prazer volta a ser considerado:

A camisinha não interfere no prazer da mulher durante o ato sexual. Quanto aos homens, alguns acham que diminui um pouco a sensibilidade do pênis. Em compensação, outros acham que isso permite prolongar a relação e adiar a ejaculação. (p208)

Após a explanação de diversos métodos anticoncepcionais, encontramos mais uma caixa de texto, *Ciência e Tecnologia – Aborto* (p.216), na qual o tema da interrupção da gravidez é problematizado, levando em consideração os debates contemporâneos da sociedade brasileira, tais como: a legalização do aborto, o direito de escolha da mulher, o direito à vida, o posicionamento de religiões, os riscos à saúde física e mental da mulher e a necessidade de maior acesso da população a informações, educação e saúde, que permitissem o planejamento familiar. O planejamento familiar e o controle de natalidade em diferentes países estão entre os temas de investigação propostos para a atividade em grupo no final do capítulo (p.217).

O capítulo 18 é o menor dentre *todos* os capítulos do livro, mas seu texto simples e direto sobre a puberdade o torna muito significativo. Sem escândalos, comenta que a primeira ejaculação costuma acontecer pouco antes dos 14 anos, geralmente como consequência da masturbação ou da poluição noturna. Como no capítulo 16, duas caixas de texto esclarecem questões e dúvidas dos e das adolescentes sobre sua sexualidade e seu corpo. Vale reproduzir alguns trechos que respondem a angústias recorrentes de alunos:

(...) A masturbação, isto é, o ato de manipular os órgãos genitais para obter prazer, é muito comum na adolescência (tanto em garotos quanto em garotas). Ela não prejudica a saúde nem é doença. É um modo de satisfazer o desejo sexual e aliviar tensões. (...) Não são poucos os que acham que têm pênis pequeno. (...) A vagina é suficientemente elástica para se acomodar aos diversos tamanhos de pênis e sua parte mais sensível fica logo na entrada. Além de tudo, o prazer de uma relação sexual

envolve todo o corpo e não apenas os órgãos sexuais. Depende muito também dos sentimentos e das emoções envolvidos. (p.220)

No tópico *Sexo*, não apenas o ato sexual, mas também o significado emocional do ato sexual é explorado, através de uma linguagem de fácil compreensão:

Uma relação sexual com uma pessoa de quem se gosta, é mais do que um breve momento de prazer. Também é muito mais do que uma relação física. É uma maneira de se envolver com a outra pessoa, de trocar carinho, de ser companheiro, de mostrar afeto. E tudo isso pode ser curtido. Um relacionamento se torna bem mais interessante e gostoso quando se conhece melhor a pessoa, quando se descobrem afinidades. E isso costuma levar tempo. Em qualquer tipo de relação, deve-se respeitar o sentimento do outro. Transar só pra dizer que transou ou para se exibir pros colegas é tratar o parceiro como objeto, e não como ser humano. (...) ninguém deve fazer sexo se não se sente preparado para isso. É preciso aprender a dizer *não* e aprender a aceitar um *não*. (...) Aliás, em matéria de sexo, não acredite em tudo o que os outros contam: nessa área, ninguém quer ser considerado diferente ou “inferior”. Finalmente, é importante que você tenha uma conversa sincera com o parceiro. Ambos precisam estar bem informados sobre os métodos para evitar a gravidez e as doenças sexualmente transmissíveis (...). A falta de experiência, a insegurança sobre como agir, a culpa por achar que está fazendo algo errado – tudo isso pode contribuir para que a primeira relação não aconteça exatamente da forma esperada. Mas se há afeto, compreensão e certa segurança sobre a decisão tomada, a relação tende a melhorar com o tempo. (p.221-222)

Fechando este pequeno capítulo, uma caixa de texto *Ciência e Sociedade – Homossexualidade*, o autor resgata a idéia de que o sexo não tem mera função de procriar, mas também é fonte de prazer e de envolvimento com outras pessoas; que existindo pessoas que se sentem atraídas por pessoas do mesmo sexo, é preciso respeitar tais diferenças e não discriminar o homossexual, compreender que pode ser difícil ser homossexual, se isso gerar conflitos internos e sentimentos difíceis de compreender. Além disso, ressalta que meninos ou meninas não devem ser considerados homossexuais apenas por não demonstrar interesses considerados “normais” para seu gênero (e.g. idéia de que “meninos gostam de futebol, meninas não”).

No capítulo 19, é levado em conta que:

Durante a relação sexual transmitimos e recebemos muitas coisas; o sentimento e o prazer parecem ser o que mais importa. Contudo, não damos e recebemos apenas sensações. O nosso corpo possui substâncias (secreções, líquidos, etc.) que também são passadas ao outro. E é por aí que as doenças, as chamadas DST, podem causar transtornos em nossa vida. (p.223)

Ressaltando a importância do diálogo com o parceiro e o uso do preservativo, o texto alerta para a gravidade das DSTs, o impacto na saúde do indivíduo e na saúde pública do país. O capítulo discorre sobre as DSTs de maneira objetiva, mencionando principalmente sintomas, alguns tratamentos e alguns cuidados se a mulher estiver grávida e com DST, sem enfatizar a possibilidade do surgimento de cânceres ou a morte como consequência maior. Ao

final do capítulo, nas seções *Mexa-se!*(p.229), *Atividade em grupo* e *De olho no texto* (p.230), são problematizadas algumas questões relacionadas ao impacto social da ocorrência das DSTs, em especial, a Aids.

Neste livro, nas páginas iniciais de vários capítulos há um quadro com um aviso: as informações do capítulo servem para ajudar a esclarecer dúvidas, mas não substituem a consulta ao médico. A importância da consulta médica é ressaltada diversas vezes durante o livro, mas apenas nos capítulos que tratam de temáticas relacionadas às doenças ou aqueles relacionados de alguma forma à sexualidade, revelando algum temor de que as informações do livro sejam mal interpretadas ou utilizadas de maneira equivocada, com potencial risco à saúde e ao bem-estar de alguém.

3.3 LIVRO C: CIÊNCIAS BJ

Na contramão do livro B, que dedica diversas páginas para a discussão da *interação sexual* humana, o livro C traz a temática da *reprodução* humana, da maneira mais direta possível. No *Capítulo 7 – Fisiologia nervosa e hormonal*, e dividido nas Lições *Hormônios e a mulher*, *Hormônios e o homem* e *Mecanismos de herança*, o aparelho reprodutor aparece sob a luz da fisiologia e da anatomia, com espaço reservado à importância da higiene dos órgãos sexuais externos. Até mesmo a excitação masculina, que nos textos muitas vezes é associada à atração física, neste caso é abordada sob o enfoque meramente fisiológico:

O pênis possui dois compartimentos vazios paralelos em seu interior, que se enchem de sangue durante a excitação. A excitação sexual estimula o cérebro, que envia sinais por intermédio da medula e do sistema nervoso periférico autônomo até a região genital. São liberadas, então, substâncias que promovem a entrada de sangue nas cavidades do pênis, o que provoca seu endurecimento e aumento de tamanho, a **ereção**. (p.238)

O desejo sexual é mencionado apenas brevemente na lição *Hormônios e o homem* e também recebe o tratamento focado na fisiologia:

O hormônio masculino estimula o desenvolvimento dos músculos esqueléticos, aumentando a massa muscular e o tamanho dos órgãos sexuais, causa mudanças na voz, que engrossa, além de ser responsável pelo despertar do desejo sexual. (p.234)

Se o desejo sexual é mencionado apenas na lição que trata da fisiologia masculina, a gravidez na adolescência e os “riscos” de uma iniciação sexual precoce são trazidos apenas na lição *Hormônios e a mulher*, como uma dimensão exclusivamente feminina:

Muitas meninas, com 13, 14 ou 15 anos de idade, engravidam de forma não planejada e acabam enfrentando uma série de problemas que não são próprios da idade. Elas acabam correndo grave risco, do ponto de vista de sua saúde, da saúde do bebê e de seu equilíbrio emocional. De certa forma, tornam-se pessoas adultas antes do tempo. Mas existem ainda outros problemas, em certo sentido ainda mais sérios. A falta de informação sobre o sexo e a vida amorosa precoce expõem os jovens ao risco de doenças que podem ser muito graves, como a Aids. (p.225)

Não se pode negar que os conceitos biológicos são tratados com correção, mas as interações humanas são deixadas de lado e o sexo passa a ser o mecanismo fisiológico que permite a perpetuação da nossa espécie - *Homo sapiens*. O fenômeno da puberdade, suas implicações nos corpos adolescentes e suas representações sócio-culturais são apresentadas como sendo, unicamente, conseqüências do desenvolvimento do próprio organismo. Há, sim, um reconhecimento de que o adolescente tem dúvidas sobre as mudanças de seu corpo, entretanto, aspectos relativos à formação integral dos sujeitos não são abordados, em especial àqueles que tratam da afetividade, do desejo e do prazer.

Comparado com os outros três LD da amostra, este livro contém três diferenças significativas e importantes: (1) trata da reprodução humana, anatômica e fisiologicamente, apenas; (2) não propõe o estudo das DSTs e tampouco apresenta a temática central das DSTs como expressivos vieses da sexualidade; e (3) também não menciona qualquer forma de diversidade sexual ou outras questões que promovam debates e aprendizagens para além da fisiologia da reprodução e órgãos afins. Neste sentido, é possível constatar que esses conteúdos veiculados pelo livro C expressam a concepção de ciência fundada nos princípios da neutralidade e da atemporalidade (ahistoricidade), denotando ser uma ciência desvinculada de qualquer contexto social ou moral que a insira no tempo-espaco humano.

3.4 LIVRO D: CONSTRUINDO CONSCIÊNCIAS

A primeira particularidade deste livro é o título do capítulo: *Capítulo 2 – A sexualidade humana*. É o único livro que traz um título que transcende o corpo biológico. O capítulo é dividido nas seções: *Sexualidade e cultura*; *Dois sexos, dois indivíduos: a diferenciação biológica*; *Gravidez na adolescência*; *Sexo responsável: planejando a vida*; e *Doenças sexualmente transmissíveis*.

Considerando os LD investigados, é na seção *Sexualidade e cultura* do livro D, que aparece pela primeira vez o tema da sexualidade como uma das dimensões da infância:

Desde o nascimento, o ser humano vivencia a sexualidade experimentando sensações diversas que lhe dão prazer. A exploração dos sentidos da infância não é apenas um jeito de descobrir o mundo, mas principalmente uma forma de descobrir a si mesmo, num exercício constante de construção da própria identidade. (p. 134)

Outro dado significativo, também presente nesse livro, diz respeito ao papel da cultura na construção da identidade sexual:

(...) a construção da identidade sexual é profundamente influenciada pela cultura na qual estamos inseridos. As sociedades humanas (...) de maneira geral organizam-se considerando as diferenças entre os gêneros masculino e feminino e suas respectivas atividades. Algumas culturas são monogâmicas (...). Noutras culturas a poligamia é o sistema conjugal predominante (...). (p.134)

O que é considerado certo ou errado depende da cultura na qual estamos inseridos. O comportamento sexual de cada um é produto de um aprendizado de significados socialmente construídos (p.135)

Na seção *O desejo sexual: permissões e proibições*, os autores comparam diferentes visões culturais sobre a homossexualidade e a masturbação; a origem do prazer transpassado pela culpa, quando o sexo só seria abençoado se fosse para procriação; e a estreita relação entre sentir prazer e pecado. Embora os preconceitos sobre estas temáticas na sociedade atual ainda se façam presentes e ativos entre os humanos, avanços já ocorreram e, no caso deste estudo, uma evidência significativa foi encontrar no livro D uma abordagem sociocultural, que ultrapassa a concepção biologicista de corpo humano e das práticas sexuais. É um achado que nos inspira a seguir investigando os LD e demais materiais instrucionais escolares.

Os seres humanos são considerados essencialmente seres de afetos, afetos estes que sofrem transformações à medida que o corpo se desenvolve na adolescência e o interesse pelo outro é permeado pela química dos hormônios. E diz que:

Os hormônios desempenham um papel importante na preparação para a vida sexualmente adulta. (p.137)

Transitando por explicações que versam sobre os processos biológicos geradores de um bebê humano e os seus significados culturais, o livro aborda a gravidez na adolescência ressaltando as conseqüências sofridas pela jovem mãe, em uma sociedade que não lida facilmente com essas questões, implicando na maioria das vezes em abandono precoce dos estudos, aumento da dificuldade de inserção no mercado de trabalho, privação do lazer e da vida social. E, talvez, o mais dramático é não poder contar com o apoio da família, aumentando em muito as dificuldades em manter a si e ao filho.

O texto ainda ressalta a importância do planejamento familiar, tanto para aqueles que querem evitar a gravidez, quanto para aqueles que desejam ter filhos. Os métodos contraceptivos são definidos como auxiliares dessa intencionalidade, sendo descritos geralmente com o suporte de alguma contextualização cultural ou histórica.

As doenças sexualmente transmissíveis também aparecem historicamente contextualizadas, embora não fujam da tríade: profilaxia – sintomatologia – tratamento, encontrada nos livros didáticos em geral que tratam, em algum momento, das DSTs.

As mais antigas civilizações conhecidas já cultuavam divindades relacionadas à fertilidade, ao prazer e à sexualidade. Muitas vezes, rendiam homenagens a deuses e deusas por meio de oferendas e rituais em que a prática sexual estava presente. Por muito tempo as doenças sexualmente transmissíveis eram chamadas de doenças venéreas, numa referência às mulheres religiosas, as sacerdotisas dos templos de Vênus, a deusa do amor na mitologia romana. Até meados do século XX, os meninos se iniciavam sexualmente, na maioria das vezes, com prostitutas. Contrair uma “doença venérea” era, ao mesmo tempo, uma prova de virilidade e um motivo de preocupação e sensação de culpa de ter feito algo “impuro”. O preconceito e a desinformação continuam influenciando os comportamentos sexuais e dificultando a prevenção, o controle e o tratamento de DSTs. (p.157)

Ao final do capítulo, em *O que você aprendeu sobre... A sexualidade humana*, as questões propostas dão atenção aos papéis feminino e masculino e à sexualidade humana para além dos fins reprodutivos, sem, contudo, ignorar aspectos reprodutivos da sexualidade.

A proposta do livro e sua construção o tornam rico na contextualização cultural, mas distanciado do leitor-aluno. Em vários momentos propõe atividades participativas, mas no texto não parece haver a preocupação com a identificação com o leitor.

4 ANÁLISE

Como primeira consideração sobre o processo de leitura e análise dos livros didáticos investigados neste estudo, citamos – e fazemos nossas – as palavras de Choppin (2002):

É fascinante – até mesmo inquietante – constatar que cada um de nós tem um olhar parcial e parcializado sobre o manual [livro didático]: depende da posição que nós ocupamos, em um dado momento de nossa vida, no contexto educativo: definitivamente, nós só percebemos do livro de classe o que nosso próprio papel na sociedade (aluno, professor, pais do aluno, editor, responsável político, religioso, sindical ou associativo, ou simples eleitor...), nos instiga a ali pesquisá-lo. (CHOPPIN, 2002, p.13-14)

O Livro Didático assume papéis que extrapolam as paredes das salas de aula. No processo de escolarização inicial da Educação Básica, ele é a fonte primeira, cuja forma e conteúdo – textos, exercícios, imagens, desenhos - são a base de muitas interpretações dos seus leitores-alunos, exercendo assim influências diversas sobre suas concepções de como é e como deve ser a realidade desejada para si. A significância do LD é mencionada por Gasparello (1999):

Longe de encerrar seus micro-poderes na instituição escolar, o livro didático se insere no processo de conformação de pessoas; seu discurso transborda de seu lugar social de origem, desdobrando-se na pluralidade dos lugares de memória individual e social (GASPARELLO, 1999, p.177).

Os livros didáticos podem ser concebidos como um espelho da sociedade que os produz, bem como um artefato educativo que atua na produção desta mesma sociedade. Ao representarem os elementos do imaginário de uma época⁹, os livros didáticos expressam o currículo explícito e oculto que o sistema promove e aceita ou tolera (ESCOLANO BENITO, 1998). Os clichês do imaginário mudam muito lentamente e nem sempre acompanham as mudanças políticas e culturais. Escolano Benito (1998) comenta que diversos trabalhos já demonstraram que ao final do século XX ainda sobreviviam preconceitos e estereótipos de tempos muito anteriores. E ainda:

Los libros escolares de los últimos años, aunque han cuidado con especial atención el tratamiento de los principios de igualdad, no discriminación y respecto a las diferencias, aún conservan vestigios de viejas actitudes en relación

⁹ Os valores, as atitudes, os estereótipos e inclusive as ideologias que caracterizam o que os historiadores denominaram *o imaginário de uma época*, vem a ser ao mesmo tempo a mentalidade coletiva dominante (ESCOLANO BENITO, 1998).

con las cuestiones de género, nacionalidad, cultura y derechos humanos, entre otras. (ESCOLANO BENITO, 1998, p.144)

Ao analisar os livros didáticos selecionados para este estudo, ficou evidente que os textos do século XXI ainda carregam preconceitos e tratamentos em descompasso com os avanços dos direitos humanos. Contrariando os intensos movimentos das lutas pela equidade de direitos entre os gêneros, a mulher é algumas vezes colocada como a principal responsável por resguardar seu corpo e evitar a gravidez não desejada (livros A e C):

Antes de começar um relacionamento sexual, no entanto, **a mulher precisa** consultar um ginecologista. **Se o parceiro puder** ir junto, melhor. (Livro A, p.64) [grifos nossos]

Muitas meninas, com 13, 14 ou 15 anos de idade, engravidam de forma não planejada e acabam enfrentando uma série de problemas que não são próprios da idade. (Livro C, p.225)

A expressão de formas não heteronormativas da sexualidade aparece muito pouco (apenas brevemente nos livros B e D), geralmente de forma deslocada ou como uma curiosidade:

O antropólogo polonês Bronislaw Malinowski (1884-1942) estudou a cultura dos habitantes das ilhas Trobriand, também pertencentes ao arquipélago de Papua-Nova Guiné. [...] Ele relatou que, nessa cultura, as pessoas do mesmo gênero mantinham relações sexuais entre si e tal prática não era motivo de espanto nem constrangimento para nenhum membro da comunidade. (Livro D, p.135)

Embora a sexualidade envolva muitas dimensões humanas, é comum nos livros que o foco recaia sobre a reprodução como meio-fim (em especial o livro C). Nesta perspectiva, não há espaço para o exercício da sexualidade como fonte de prazer e expressão de afetos e desejos, tampouco promove as necessárias relações entre a sexualidade e suas expressões em etapas da vida anteriores ou posteriores à fase reprodutiva. Apenas um livro mencionou a sexualidade infantil (livro D) e somente um outro colocou a menopausa como encerramento da etapa de reprodução, mas não da atividade sexual (livro B):

Comer, morder, cheirar, ouvir, acariciar, aconchegar-se são algumas maneira de sentir prazer que se manifestam já na infância e que vão sendo aprimoradas ao longo de toda a vida. (Livro D, p.134)

O ciclo menstrual para de ocorrer com a chegada da menopausa (...) a partir daí a mulher não pode mais ter filhos – sem tratamento especial. Mas a atividade sexual e o prazer da relação não são alterados. (Livro B, p.197)

O LD, construído dessa forma, não abre espaço para a sexualidade expressa em suas formas mais diversas e coloca o leitor-aluno na difícil situação de ter diante de si uma única

sexualidade legitimada, com a qual ele se identifica ou não. Por que o LD recai na abordagem reducionista da sexualidade?

Sempre é importante lembrar que o processo de produção e edição do LD não pode ser considerado simples nem banal, pois se faz necessário que os autores selecionem quais questões serão tratadas no livro e de que forma, apresentando uma visão limitada e até mesmo distorcida daquilo que se pretende chamar de realidade. E ainda:

O manual impõe uma hierarquia no campo dos conhecimentos, uma língua e um estilo. Se um livro de classe é necessariamente redutor, as escolhas que são operadas por seus idealizadores tanto nos fatos como na sua apresentação (estrutura, paginação, tipografia, etc.) não são neutras, e os silêncios são também bem reveladores: existe dos manuais uma literatura em negativo! (CHOPPIN, 2002, p.22)

O que dizer, então, dos livros que não retratam a sexualidade como uma dimensão social e individual, extrapolando assim o corpo biológico? Muitas vezes a necessidade de abordar temas da saúde humana (anatomia, fisiologia, profilaxia e tratamento de doenças) é utilizada como justificativa para não serem propostas reflexões de temáticas relacionadas a emoções, sentimentos e crenças, já muito estudadas e pesquisadas pelos neurocientistas e difundidas desde os anos 80 do século XX. Porém, ainda que os livros apresentem conteúdos sobre a importância da saúde humana, reconhecendo-a como parte dos ensinamentos aos escolares, neles não é reconhecida a importância da saúde sexual. Se a saúde sexual, tal qual definida pela Organização Mundial da Saúde (OMS), relaciona o corpo biológico e o corpo cultural, não seria necessário, também, o LD abordar os aspectos emocionais e sociais do sujeito, de maneira que realcem a personalidade, a comunicação e o amor (como diz a OMS)?

Como incremento à abordagem e ao significado das temáticas impressas nos livros, é fundamental considerar que as linguagens (palavras e imagens) neles contidas têm o poder de intervir no sentido das informações que carrega. Os livros não parecem concordar sobre a melhor estratégia adotada para a linguagem de seus textos. O Livro A pareceu dividido entre querer colocar-se no lugar do leitor-aluno e posicionar-se como porta-voz dos temores dos pais de alunos que iniciam sua vida sexual:

É aí, na sexualidade, que reside uma das maiores preocupações dos pais, pois uma “transa” pode levar à gravidez precoce e ao contágio de doenças sexualmente transmissíveis. Vamos ver o que se pode fazer para evitar alguns desses problemas? (Livro A, p.63)

O Livro B foi o que mais se aproximou de uma conversa horizontal e informal com o leitor, buscando desmitificar questões que muitas vezes são geradoras de vergonhas e receios,

não fomentando a polêmica de algumas temáticas e tratando-as com naturalidade. O Livro C foi fundamentalmente informativo e descritivo, sem problematizações e com pouco envolvimento com seu leitor, que parece ser um sujeito atemporal. O Livro D, embora com a interessante proposta de integrar os aspectos culturais de diversas sociedades humanas, parece não se preocupar com quem é seu leitor, que pode ser tanto um adolescente cursando regularmente a 7ª série na idade esperada, quanto uma pessoa de 40 anos retomando seus estudos na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Se o LD não der especial atenção ao seu leitor, como adotar uma linguagem que faça o texto assumir algum sentido positivo para este leitor no caso, leitor-aluno da Educação Básica? É nesta posição social de aluno, na grande maioria das vezes, que o LD torna-se acessível como fonte de leitura e aprendizados. Como tratar da temática da sexualidade e da saúde sexual sem que o texto do LD proponha um diálogo aberto às inseguranças e dúvidas relacionadas aos corpos biológico e cultural? Aparentemente, a produção do LD não tem levado em conta se as mensagens veiculadas estão em consonância com a real significância da sexualidade e da saúde sexual, no sentido de valorizá-las concreta e subjetivamente como elementos constituintes das identidades individuais e coletivas.

É importante lembrar que o livro A, encomendado pela SEC/RS para os estudantes da rede pública de ensino do Rio Grande do Sul, parece retratar mais os receios dos adultos em relação à sexualidade adolescente do que os anseios dos adolescentes em relação a esse novo mundo de descobertas de sensações. O desejo e o prazer são brevemente mencionados, sem definições precisas e sem atributos de importância, como se observa no decorrer do texto; o qual está povoado por diversos fantasmas das conseqüências negativas de uma sexualidade que chega a parecer perigosa à saúde humana.

Esses fantasmas estão especialmente presentes no *Capítulo 7 – Corpo, mente e “coração”*: *os cuidados na adolescência*, em que a ênfase está apenas nos *cuidados*, nos métodos para se evitar a não desejada gravidez adolescente e as DSTs. No tópico *O perigo da Aids*, o texto ressalta que “Cada vez mais fraco, o doente corre o risco de morrer de uma dessas doenças que seu corpo não consegue combater” (p.67) e que “Os vários medicamentos desenvolvidos até hoje podem prolongar a vida do doente e melhorar seu estado geral” (p.68). Com isto, parecem ser ignorados os grandes avanços médicos que tem garantido a muitos indivíduos HIV-positivos ou com a AIDS manifesta a possibilidade de ter uma boa qualidade de vida ainda que com a doença crônica, onde há espaço para expressar-se inclusive através de sua sexualidade. Apenas em uma caixa de texto ao final do capítulo (p.70) (separada do tópico *O perigo da Aids* pelas explicações sobre gonorréia, sífilis, hepatite B e C, condiloma

genital e a polêmica do aborto), são mencionadas as iniciativas do Ministério da Saúde, que alcançou grandes conquistas no tratamento da Aids e combate continuamente o preconceito, mas ainda mencionando a existência de *grupos de risco*. Se a proposta é educar o aluno para viver sua sexualidade de maneira responsável, e até para garantir a coerência do sentido, mais adequado seria os autores tratarem de *comportamentos de risco*; estes existem de fato, ao contrário dos primeiros.

Em contrapartida, o livro B foca sua linguagem no aluno-leitor e não parece haver a preocupação com a produção de um texto com conteúdo que possa ser “rapidamente vencido” pelo professor. A saúde sexual é tratada de maneira a ressaltar o respeito a si e ao outro, sempre levando em conta aspectos afetivos que possam estar relacionados. Embora não seja focado nas temáticas da diversidade sexual, o livro traz a importância da não-discriminação do sujeito homossexual e leva em conta os conflitos emocionais que podem ser experimentados por aquele que se percebe homossexual. A sexualidade retratada no livro pode ser experimentada por diferentes humanos, com diferentes identidades sexuais e em diferentes etapas de suas vidas.

Estes dois livros, em especial, sintetizam o que está sendo levado para a sala de aula e o que poderia ser levado. O livro A, com seus fantasmas e sem espaço para o prazer, foi o eleito para entrar em contato com os numerosos alunos da rede pública do Rio Grande do Sul. Agora, deixa a dúvida em relação ao professor, que sempre terá a opção de ou (1) ser conivente com a sugestão de simplesmente alertar os alunos para os perigos da sexualidade, ou (2) buscar outras fontes e seu próprio saber da experiência¹⁰ para conscientizá-los sobre sua saúde sexual (não unicamente reprodutiva). O livro B, embora com potencialidade para aprimorar diversos aspectos de sua abordagem, é, entre os quatro analisados, o que mais se aproxima do que seria um tratamento desejável à saúde sexual no LD. Nele, a interação humana recebe atenção além do momento do ato sexual, sendo o livro que mais considera a sexualidade humana em suas múltiplas faces, incluindo a busca pelo prazer e pela interação com o outro.

4.1 SEXUALIDADE E SAÚDE SEXUAL:

A Sexualidade humana pode ser concebida como um dos componentes marcantes do desenvolvimento humano, presente nas mais variadas fases da vida. Saúde sexual e

¹⁰ O *saber da experiência*, segundo Tardif (2002), seria o saber prático desenvolvido pelo professor, baseado em sua experiência cotidiana com os alunos.

reprodutiva e bem-estar são essenciais para que as pessoas tenham vidas sexuais responsáveis, seguras e satisfatórias. Saúde sexual requer uma abordagem positiva da sexualidade humana e o entendimento dos complexos fatores que moldam o comportamento sexual humano. Esses fatores afetam se a expressão da sexualidade leva à saúde sexual e bem-estar ou a comportamentos sexuais que põem as pessoas em risco ou as tornam vulneráveis a problemas de saúde sexual e reprodutiva.

Nas últimas três décadas, assistimos a mudanças dramáticas na compreensão da sexualidade humana e comportamento sexual. A pandemia do vírus da imunodeficiência humana (HIV) tem desempenhado um papel importante neste processo, mas não é o único fator (BERQUÓ, 2000).

O prejuízo sobre a saúde das pessoas através de outras infecções sexualmente transmissíveis (DSTs), gravidez indesejada, o aborto inseguro, a infertilidade, a violência baseada no gênero, disfunção sexual e discriminação com base na orientação sexual tem sido amplamente documentado e destacado em estudos nacionais e internacionais. Em consonância com o reconhecimento da extensão destes problemas, vem sendo gerado muitos avanços no que tange aos conhecimentos sobre função sexual, comportamento sexual e sua relação com outros aspectos da saúde: saúde mental, saúde em geral, bem-estar, maturidade e autonomia. Esses avanços, aliados ao crescente desenvolvimento de novas tecnologias de contracepção, medicamentos para disfunção sexual e abordagens mais holísticas nas ações de planejamento familiar e outros serviços de saúde reprodutiva, têm exigido profissionais de saúde, gestores e pesquisadores para redefinir as suas abordagens à sexualidade humana (WHO, 2006).

A saúde sexual já foi definida como parte da saúde reprodutiva no Programa de Ação da Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento (CIPD)¹¹, em 1994. Declarações sobre a saúde sexual foram tiradas a partir de um Relatório Técnico da OMS de 1975, que incluía o conceito de saúde sexual como algo "enriquecedor" e que "reforçava a personalidade, a comunicação e o amor". O relatório foi mais longe ao afirmar que "fundamental para este conceito são o direito à informação sexual e o direito ao prazer". Assim, a noção de saúde sexual implica uma abordagem positiva da sexualidade humana, e os efeitos dos cuidados de saúde sexual devem ser a valorização da vida e das relações pessoais e não apenas os relacionados com aconselhamento e procedimentos técnicos para a procriação ou doenças sexualmente transmissíveis.

¹¹ Realizado no Cairo, Egito, de 5 a 13 de setembro de 1994. Reuniu representantes de mais de 180 governos e 1.254 organizações não-governamentais. Pela primeira vez, a saúde reprodutiva e sexual e os direitos da mulher tornaram-se o elemento central de um acordo internacional sobre população e desenvolvimento, visto como inextricavelmente ligados, e a atribuição de poder à mulher como a chave de ambos.

Os processos de ensinar e aprender Ciências nas escolas, em especial os conteúdos sobre a afetividade e a sexualidade na adolescência, mediados pelos LD disponíveis, devem implicar não no controle da sexualidade ou na tentativa de homogeneizar essa experiência, mas sim na discussão e reflexão da sexualidade como uma dimensão fundamental da vida de todos nós, ocorrendo em cada etapa da vida de forma diferenciada, nos construindo como seres humanos. O LD pode contribuir para que esse objetivo seja atingido (livro B), ficar indiferente (livro C) ou manter a sexualidade sitiada pelas DSTs e o medo (livro A). Não há um consenso.

Seja para satisfazer a maioria ou para não causar discórdias ou para evitar suscetibilidades ou, ainda, para agradar a todos, os autores procuram manter o LD ao nível do óbvio, do corriqueiro (ECO & BONAZZI, 1972). É preciso repensar o processo educacional. É preciso preparar para a vida:

É preciso trabalhar o aluno como uma pessoa inteira, com sua afetividade, suas percepções, sua expressão, seus sentidos, sua crítica, sua criatividade (ECO & BONAZZI, 1972, p.5)

Questionar em educação é fundamental, mas para isso é preciso estar aberto às reflexões, perguntar sobre o futuro. E que futuro o LD propõe ao repetir o passado, ao repetir as concepções de saúde sexual sem espaço para o desejo e o prazer, colocando a sexualidade como mero sinônimo de conjunção carnal?

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sexualidade, relação sexual e saúde sexual são questões controversas em todas as culturas atuais conhecidas (como retratado nos exemplos de culturas sexuais do livro D). Sexo é a vazão do impulso de prazer. Mesmo que permeada por conflitos, a sexualidade humana tem a ver com o prazer, o prazer de estar junto. Contraditoriamente, esse prazer não parece ser permitido a todos, ou está sujeito a diversas normas que estabelecem um padrão a ser seguido e, quando rompido, reaparecem as discussões sobre direitos humanos e os implicados deveres.

Ainda que lentamente, já podemos observar pequenas mudanças na concepção de educação na vertente de *orientação sexual* e o prazer aos poucos abandona o rótulo de pecado e insere-se como elemento fundamental da interação sexual humana.

Gestores de programas de saúde, políticos, educadores e professores precisam re-discutir, re-conceber e promover o papel potencialmente positivo que a sexualidade pode desempenhar na vida das pessoas, criando serviços de saúde referenciados na promoção de sociedades sexualmente saudáveis e investindo na educação para a sexualidade, ou seja, não se restringindo ao sexo como ato, mas acionando elementos mais abrangentes como prazer e desejos (FELIPE, 2007).

Os mecanismos de avaliação do PNLD não questionam o tratamento que a sexualidade e a saúde sexual recebem no LD. A abordagem do Tema Transversal – *Orientação Sexual* não é apresentada e discutida com a devida atenção nem nos livros de Ciências, *lócus* considerado específico para conter as temáticas que cercam a reprodução humana, nem em outros materiais instrucionais. Neste sentido, e considerando os processos de escolarização operacionalizados nas escolas públicas e privadas, além das já citadas, outras mudanças se fazem necessárias. Uma delas relaciona-se ao sistema de avaliação escolar, ainda de natureza meramente classificatória e discriminatória. Caso os processos avaliativos fossem focados nas minúcias do livro didático, nos aspectos da saúde sexual como sendo uma influência positiva na vida dos humanos, conjugando pensamentos, sentimentos e ações, reduziríamos em muito a densidade dos pré-conceitos sexuais e sociais, na escola e fora dela, bem como aumentaríamos os saberes e conhecimentos sobre esses assuntos tão ou mais antigos que a deusa Vênus – a deusa do amor.

Permitir e estimular que a interação sexual seja exercida com liberdade e de forma consciente permitirá a construção de uma sociedade sexualmente sadia, sem a sombra opressiva da culpa que ofusca o brilho da alegria em estar com o outro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDO, C.N.H. Perfil sexual da população brasileira: resultado do Estudo do Comportamento Sexual (ECOS) do Brasileiro. *Rev Bras Med*; 59(4): 250-257, abr.2001.

ANGOTTI, J.; DE BASTOS, F.P.; MION, R.A. Educação em Física: discutindo Ciência, tecnologia e sociedade. *Ciência & Educação*, v.7, n.2, p. 183-197, 2001.

BERQUÓ, E. (coord.). Comportamento sexual da população brasileira e percepções do HIV/AIDS. *Ministério da Saúde, Série Avaliação, n° 4*, Brasília, 2000.

BONAZZI, Marina; ECO, Umberto. *Mentiras que parecem verdades*. São Paulo: Summus Editorial, 1980.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: orientação sexual / Secretaria de Educação Fundamental*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Secretaria de Educação Básica – Guia do livro didático 2007: Ciências: séries/anos iniciais do ensino fundamental / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

CHOPPIN, Alain. O historiador e o livro escolar. *História da Educação* 11:1-287, 2002.

ESCOLANO BENITO, Agustín. Texto e iconografia: Viejas y novas imágenes. In: _____. *Historia ilustrada del libro escolar en España: de la posguerra a la reforma educativa*. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 1998.

FELIPE, Jane. Do amor (ou de como glamourizar a vida): apontamentos em torno de uma educação para a sexualidade. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa *et al.* *Corpo, gênero e sexualidade: discutindo práticas educativas*. Rio Grande: FURG, 2007.

FRANCO, Maria Laura P. B. *Análise de Conteúdo*, Brasília, 2ª edição: Líber Livro Editora, 2007.

GALVÃO, A. M. O.; BATISTA, A. A. G. In: VEIGA, C. G.; FONSECA, T. N. L. (Orgs.). *História e historiografia da educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GASPARELLO, Arlette Medeiros. História e livro didático: a produção de um saber escolar. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de. *Pesquisa em história da educação: perspectivas de análise, objetos e fontes*. Belo Horizonte: HG, 1999, p. 169-179.

GOELLNER, Silvana. O corpo como lócus de identidade sexual e de gênero. In: XAVIER FILHA, Constantina (Org.). *Educação para a sexualidade, para a equidade de gênero e para a diversidade sexual*. Campo Grande: UFMS, 2009.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Diversidade Sexual e Homofobia. In: XAVIER FILHA, Constantina (Org.). *Educação para a sexualidade, para a equidade de gênero e para a diversidade sexual*. Campo Grande: UFMS, 2009.

LOURO, Guacira L. Segredos e Mentiras do Currículo: sexualidade e gênero nas práticas escolares. In: SILVA, Luiz H. *A escola cidadã no contexto da globalização*. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

_____ (Org.). *Um corpo estranho*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MACEDO, Elizabeth. A imagem da ciência: folheando um livro didático. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 25, n. 86, p. 103-129, abril 2004

RIBEIRO, Paula CR; SOUZA, Nádia GS; SOUZA, Diogo O. Sexualidade na sala de aula: pedagogias escolares de professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental. *Revista de Estudos Feministas*. Florianópolis, v.12, n.1, jan/abr 2004.

SANTOS, Luís HS. Incorporando outras representações culturais de corpo na sala de aula. In: OLVEIRA, Daisy L. *Cadernos da Educação Básica 2: ciências nas salas de aula*. Porto Alegre: Mediação, 1997.

SUPLICY, Marta... et al. *Sexo se aprende na escola*. 2ª ed. São Paulo: Olho d'Água, 1998.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*, 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

TIANA FERRER, Alejandro. El libro escolar como instrumento didáctico: Concepciones, usos e investigaciones. In: ESCOLANO, Agustín Benito. *Historia ilustrada Del libro escolar en España: de la posguerra a la reforma educativa*. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 1998, p. 149-175.

XAVIER FILHA, Constantina. Educação para a sexualidade, equidade de gênero e diversidade sexual: entre carregar a água na peneira, catar espinhos na água e a prática de (des)propósitos. In: XAVIER FILHA, Constantina (Org.). *Educação para a sexualidade, para a equidade de gênero e para a diversidade sexual*. Campo Grande: UFMS, 2009.

World Health Organization (WHO). Education and treatment in human sexuality: The training of health professionals. A report from a WHO meeting. *WHO Technical Report Series* n° 572, 1975.

_____. Defining sexual health: report of a technical consultation on sexual health. *WHO Sexual Health Document Series*, 2006.